



Sexualidade, gênero e direitos humanos na educação escolar: uma experiência de extensão

Rayanny Felix do Carmo¹, Maurino Medeiros de Santana², Tânia Régia Filgueiras de Oliveira³,
tania.regia@professor.ufcg.edu.br e maurino.medeiros@bol.com.br

Resumo: Este resumo versa sobre a experiência do projeto de extensão “Sexualidade, gênero e direitos humanos na educação escolar: uma experiência de extensão”. A proposta do projeto foi estimular a construção de recursos temáticos e metodológicos, sobre a temática das relações de gênero e sexualidade, junto aos professores e estudantes do Ensino Médio promovendo e ampliando este debate.

Palavras-chaves: Gênero, sexualidade, direitos humanos, escola.

1. Introdução

A escola é um espaço fundamental na formação do cidadão, é ali que crianças e adolescentes passam a maior parte do tempo e deveria ser um refúgio seguro para os jovens, especialmente para aqueles marginalizados pela sociedade. No entanto, o processo de escolarização, ao longo da história, serviu enquanto agente reprodutor de desigualdades, contribuindo para a continuidade das normas sociais predominantes (LOURO, 2014).

Nesse sentido, podemos refletir sobre a naturalidade dos instrumentos no meio escolar que contribuem para disseminação de preconceito, consequentemente de práticas hostis na vida das/dos estudantes que não obedecem a cisheteronormatividade⁴. Segundo dados da UNESCO (2019), 246 milhões de meninas e meninos sofrem algum tipo de violência escolar - violência escolar, que inclui a violência física, psicológica e sexual e o bullying, entre as causas de origem estão as normas sociais e de gênero, bem como fatores estruturais e contextuais mais amplos, tais como a desigualdade de renda, exclusão social, marginalização e conflito todos os anos - ocasionando um aumento da evasão escolar, fraco desempenho escolar, baixa autoestima e tudo isso irá acompanhar esses estudantes ao longo de suas vidas. Existem diversas pesquisas que apontam, por exemplo, que grande parte da população de travestis e transexuais não chegaram ao ensino médio porque a escola excluiu antes mesmo de chegarem lá, e sem formação de base para buscar o ensino superior e um trabalho formal, encontram na prostituição sua fonte de renda. Assim, afirma REIDEL (2017):

“Se a escola tradicional não as ensinou, elas aprenderam o resto na escola da vida.” (REIDEL, 2017, p.65) [9]

Essa frase pode parecer chocante, mas infelizmente é a realidade de milhares de travestis e transexuais, por isso, precisamos garantir o acesso e permanência nos bancos escolares, e sobretudo o respeito às diferenças. Para isso, precisamos questionar as práticas educativas marcadas por sexismo e lgbtqia+fobia. É necessário que os educadores questionem o que estão ensinando e como estão ensinando, pois o processo de “fabricação” dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, por isso, precisamos questionar aquilo que é dado como “natural” (LOURO, 2014) para que, dessa forma, combatamos a exclusão de muitos no ambiente escolar.

Dessa maneira, o objetivo do nosso projeto foi trabalhar as categorias de gênero, sexualidade e direitos humanos em sala de aula, abordando e problematizando as questões da violência de gênero, em seus vários aspectos como desigualdade de gênero, LGBTQIA+fobia e violência contra mulher, contribuindo para um modo de enxergar a realidade social não sexista, não machista, e, nesse sentido, preparar os estudantes para refletir e compreender a realidade social e a sua interferência nela, possibilitando formas de atuação social mais ativas, mais conscientes e, consequentemente, mais justas, no que tange ao respeito às diferenças de gênero especificamente, podendo contribuir na construção e promoção de relações sociais mais igualitárias entre os sujeitos, principalmente no que tange ao ambiente escolar.

O projeto foi desenvolvido na ECI Itan Pereira localizada no bairro de Bodocongó no município de Campina Grande, Paraíba. Ao todo tivemos 32 estudantes do 1º ano do Ensino Médio, uma bolsista PROEX e três participantes ativos da graduação de Ciências Sociais que no momento de desenvolvimento do projeto não poderiam estar como voluntários diretos da PROEX, pois já estavam engajados em outros projetos da UFCG, mas que se somaram ao projeto de extensão e deram uma contribuição muito importante para o desenvolvimento do projeto.

¹ Estudante de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

² Orientador, Professor, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

³ Coordenadora, professora, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁴ A cisheteronormatividade é a naturalização e normatização de uma forma específica de se relacionar afetivo-sexualmente: um homem cisgênero se relacionando com uma mulher cisgênero, supondo uma linearidade entre prática sexual e identidade de gênero, linearidade que mantém o binarismo masculino-feminino.

2. Metodologia

3.

As atividades do projeto de extensão foram realizadas semanalmente, divididas entre as atividades internas da bolsista e voluntários - que consistiam em duas horas para leituras e duas horas para discussão dos textos e planejamento das oficinas – e as atividades na escola com os estudantes do projeto. Também realizamos encontros quinzenais para planejamento e avaliação entre a equipe (coordenadora, orientador, colaboradores e bolsista).

A seleção dos estudantes para o projeto foi feita a partir de passagem em sala de aula apresentando o projeto para os estudantes do 1º ano e após a apresentação abrimos uma inscrição para que os estudantes que se interessarem pelo projeto pudessem se inscrever voluntariamente. Escolhemos este método de inscrição com o objetivo de deixar os estudantes mais à vontade para se inscrever conforme a identificação com o projeto. Ao todo tivemos 32 inscrições.

Após a inscrição no projeto, aplicamos um questionário com algumas perguntas com o objetivo de conhecer estes estudantes, saber o que eles já sabiam sobre a temática e quais dinâmicas eles tinham mais afinidades. Ao todo tivemos 15 respostas neste formulário e foi importante como primeiro contato com estes adolescentes para conhecê-los.

Durante as oficinas buscamos transformar a sala de aula em um espaço de troca de experiências e aprendizado, assim como aponta bell hooks (2017):

Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. (HOOKS, 2017, p. 25) [5]

Com isso, buscamos trazer as temáticas de gênero e sexualidade compreendendo esta temática como assunto que faz parte do ser humano, ou seja, que faz parte da vida daqueles estudantes então prezamos pela experiências de suas vidas, criando um espaço seguro para que esses estudantes pudessem se sentir seguros para trazer suas experiências para a sala de aula.

4. Resultados e Discussões

Durante o projeto realizamos ao todo 7 oficinas com os 32 estudantes inscritos. As oficinas tiveram como objetivo trabalhar a categoria de gênero em sala de aula, abordando e problematizando as questões da violência de gênero, em seus vários aspectos como desigualdade de gênero, LGBTQIA+fobia e violência contra mulher.

Contribuindo para um modo de enxergar a realidade social não sexista e não machista.

A primeira oficina teve como objetivo conhecer o que os estudantes já conheciam sobre gênero, sexualidade e direitos humanos. Iniciamos a oficina sentando em roda e realizando a dinâmica do barbante - o primeiro segura o barbante se apresenta e fala quais são as suas expectativas para as oficinas, logo depois faz um nó com a ponta do barbante e joga o rolo para o próximo e assim todos se apresentam -, no final da dinâmica é formado uma rede com esse barbante, o objetivo da dinâmica foi dialogar com esses estudantes que durante as oficinas do projeto estaríamos juntos formando essa rede de conhecimento.



Figura 1 – Dinâmica do Barbante

Após a dinâmica perguntamos a cada estudante o que eles sabiam sobre gênero, sexualidade e direitos humanos, cada estudante deveria responder em uma tarjeta e depois colar no quadro, tivemos respostas surpreendentes, algumas nos chamou muita atenção como:

“Sexualidade é aquilo que todo ser nasce tendo e que em um certo tempo acaba sendo despertada quando se tem um sentimento pela sua pessoa amada, é um mix sensações e sentimentos.” (estudante José)⁵

“Gênero é aquilo que todos nós nascemos e existem 2 gêneros que Deus criou o gênero feminino e o masculino.” (estudante Maria)

“Sexualidade? Está relacionada a vida, sensações e emoções relacionadas ao prazer.” (estudante Julia)

Alguns pontos chamam atenção nessas frases: a primeira é o entendimento que a sexualidade é algo inerente ao ser humano, a segunda que compreende a sexualidade como algo relacionada ao prazer e a última coloca gênero em um campo divino. Essas respostas são importantes para compreender o imaginário social a respeito desses conceitos. Também é comum uma confusão entre gênero e sexualidade e uma vinculação desses dois conceitos como se fossem as mesmas coisas.

⁵ Os nomes indicados no relatório são fictícios para preservar a identidade dos estudantes.

O fundamental, é compreendermos que gênero e sexualidade estão presentes na escola, pois fazem parte dos sujeitos, e também presente nas rodas de discussões desses estudantes, mas no geral essas discussões estão ausentes das salas de aula permeando as relações desiguais entre indivíduos e grupos sociais.

Na segunda oficina apresentamos os conceitos sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual apontando que são três coisas diferentes. Apresentamos esses conceitos da seguinte forma: sexo biológico é atribuído a genitália que a pessoa nasce podendo ser feminino, masculino e intersexo; identidade de gênero como algo construído socialmente, ou seja, as pessoas nascem com vagina, pênis ou intersexuais, mas aprendem a ser meninos e meninas, lembremos da famosa frase da filósofa Simone Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, essa afirmação aponta que existe um processo de produção desse “ser mulher”, logo precisamos romper com ideia de relação entre sexo biológico e identidade de gênero, nesse sentido, identidade de gênero é a forma que o indivíduo expressa o gênero com a qual se identifica; orientação sexual é a direção para onde aponta ou não o desejo sexual de cada pessoa, é importante romper com a ideia heteronormativa que existe apenas uma forma de se relacionar. Por fim, cada estudante fez um desenho de como se envergava, colocando o seu pronome e como gostaria de ser chamado.

A terceira oficina apresentamos o documentário “Depois da tempestade: a lgbtfobia na escola”, o documentário traz o relato de pessoas LGBTQIA+ e as suas experiências com a escola, em sua maioria essa experiência foi cercada de violência. De acordo com dados da Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil e da ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos), a taxa de evasão escolar entre pessoas trans e travestis é de 82%, e 73% dos jovens LGBTQIAP+ já sofreram algum tipo de agressão na escola. Infelizmente, os dados de evasão escolar são subnotificados, não há um dado exato e isso nos aponta o quanto pessoas LGBTQIA+ são invisibilizados pela escola, a começar pelo currículo, como aponta LOURO (2014):

Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não se falar a respeito dele e delas, talvez se pretenda “eliminá-los, ou pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e alunas “normais” os/as conheçam e possam desejar-los/as. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da norma. (...) A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de

aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos. (LOURO, 2014, p. 71-72)

Após a apresentação do documentário realizamos uma roda de conversa sobre a experiência escolar daqueles jovens e também conversamos sobre as nossas experiências escolares. É muito triste ver que essas experiências não são acolhedoras, pelo contrário, reforça as desigualdades e violências presentes na sociedade. Nessa roda de conversa um relato de um estudante nos chamou muito atenção ele apontou que não se sentia seguro perto dos professores apenas dos seus colegas, mas que não se sentia à vontade sozinho em uma sala com um professor. Isso, nos aponta a debilidade da formação destes professores que ao invés de trazer uma educação crítica e respeitosa, reforçam em suas práticas preconceitos.

Na quarta oficina iniciamos a construção do mural da diversidade com objetivo de conscientizar a escola sobre a LGBTQIA+fobia e produzir um material que fosse fruto das discussões que havíamos feito nas oficinas e que os estudantes acharam importante levar ao restante da escola. Foi um momento livre para os estudantes criarem o mural colocando aquilo que eles achavam relevante.



Figura 2 – Mural Contra a LGBTQIA+fobia da escola

A quinta oficina teve como temática “A luta das mulheres”, primeiro separamos as turmas em 5 grupos, logo após realizamos um quiz com alguns dados referente a desigualdade de gênero e cada grupo que acertasse ganhava um ponto ao final realizamos o sorteio do livro “Sejamos todos feministas” de Chimamanda Ngozi Adichie para o grupo vencedor. O objetivo da oficina foi apresentar e refletir sobre esses dados e a importância da luta por igualdade de gênero.

Por mais que na Constituição Federal garanta “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações” (Artº5, I), a história e a realidade nos mostram que a igualdade ainda está longe de ser alcançada, por exemplo,

mulheres dedicam 21,4 horas semanais aos trabalhos de cuidados e afazeres doméstico, enquanto os homens dedicam apenas 11 horas semanais. Outro dado importante é o aumento do feminicídio, que segundo o código penal é o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino, que segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) só no primeiro semestre de 2023 foram registrados 722 feminicídios, e em 2020 segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) foram registrados 175 transfeminicídios.

A temática da sexta oficina foi “Divisão sexual do trabalho”, iniciamos a oficina apresentando a animação “Um sonho impossível?” divulgada pela ONU em 1983, a partir da apresentação discutimos sobre papéis de gênero, acúmulo de tarefas, desigualdade salarial e dupla jornada de trabalho. Essa oficina aconteceu logo após o ENEM que teve tema da redação “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”. Problematicamos este trabalho de cuidado que é visto como amor, mas que na verdade é trabalho não remunerado como aponta a filósofa Silvia Federeci em sua célebre frase “O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não remunerado”. É importante ressaltar que mulheres e meninas ao redor do mundo dedicam 12,5 bilhões de horas, todos os dias, ao trabalho de cuidado não remunerado – uma contribuição de pelo menos US\$10,8 trilhões por ano à economia global. Isso dá mais de três vezes o valor da indústria de tecnologia do mundo. (OXFAM, 2020). Ou seja, este trabalho de cuidado é lucrativo, mas não para as mulheres. É necessário também fazer um recorte de raça, pois segundo levantamento do PNAD em 2022 a pesquisa verificou que as mulheres negras têm o maior índice de realização das tarefas (92,7%), superando as pardas (91,9%) e brancas (90,5%).

De acordo com um estudo realizado pela economista Brena Paula Magno Fernandez, professora da Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do Núcleo de Estudos em Economia Feminista para uma matéria publicada pela Universa UOL no mês de Janeiro que recebe o título “Se maternidade fosse paga, salário de mãe seria maior que de médico do SUS”, apontou que em média o salário de uma mãe deveria ser no mínimo R\$7392,00, esse valor foi calculado com base nas seguintes funções desempenhadas por uma mãe no dia a dia: um salário mínimo para uma trabalhadora doméstica, que cuidaria da limpeza da casa, lavagem das roupas e preparo dos alimentos; dois salários mínimos para cobrir dois turnos de babás; uma profissional folguista; acrescido os direitos trabalhistas, vale ressaltar que o cálculo não contabiliza serviços como motorista e governanta.

Encerramos as oficinas com uma roda de conversa com os estudantes participantes para saber o que eles acharam de participar do projeto e para nossa felicidade em sua maioria achou de extrema relevância ter um projeto na escola com essas temáticas e que infelizmente pouco se fala sobre gênero, sexualidade e direitos humanos na escola de acordo com os relatos dos estudantes. Infelizmente não foi possível realizar as dez

oficinas devido a diversos fatores como calendário escolar, feriados e reforma da escola.

O projeto foi fundamental na formação acadêmica dos estudantes de graduação da equipe de execução, sendo formada pela bolsista e pelos três estudantes que participaram de forma ativa mesmo não podendo estar como voluntários do projeto porque eles já estavam engajados em outros projetos da UFCG, e a resolução não permite que eles se insiram no projeto em nenhuma dessas categorias. Portanto eles ficaram como “participantes” muito ativos, mesmo sabendo que não iriam ser certificados pela PROEX, mas só pela coordenadora do projeto.

5. Conclusões

O projeto de extensão foi fundamental na promoção da igualdade de gênero e de uma educação não sexista e não machista. Como vimos o debate de gênero e sexualidade é apagado dos currículos escolares, logo a parceria da UFCG com a comunidade externa é fundamental no estabelecimento de políticas públicas como o debate de gênero e sexualidade.

A nossa participação, e, em particular, da bolsista no projeto terá um impacto para a sua formação como futura educadora da educação básica, seja na questão prática de planejar oficinas e estar em sala de aula, como, principalmente, em refletir sobre a diferença para os estudantes uma prática docente crítica.

Observou-se também durante as oficinas a falta de debate dos professores sobre a temática, nesse sentido vemos como fundamental levar esse projeto também para formação continuada do corpo docente da escola.

6. Referências

- [1] “Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial”. **UNESCO**. 2019. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>> Acesso em 20 de jan. 2024.
- [2] BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do trabalho e democracia. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 59, nº3, p. 719 a 753, 2016.
- [3] BRITZMAN, Debora. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.105 a 142, 2019.
- [4] GOLIN, Célio. Da patologia à cidadania. In: MACHADO, Paula; NARDI, Henrique; SILVEIRA, Raquel. **Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: Sulina, p.07 a 42, 2017.
- [5] HOOKS, Bell. Pedagogia Engajada. In: HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p.25 a 36, 2017.

[6] LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª Edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

[7] LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.07 a 42, 2019.

[8] NASCIMENTO, Leticia. Transfeminismo. 2ª Edição. São Paulo. Jandaíra, 2023.

[9] REIDEL, Marina. Ser trans e as interlocuções com a educação. *In*: MACHADO, Paula; NARDI, Henrique; SILVEIRA, Raquel. **Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: Sulina, p.07 a 42, 2017.

[10] SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.2, n.20, p.71-100, jul-dez.1995.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a ECI Itan Pereira e aos estudantes por terem nos acolhido e por todos os ensinamentos trocados. Aos estudantes da licenciatura em Ciências Sociais Leandro Demetrius, Ana Lúvia Silva e Romualdo Malaquias que se somaram ao projeto de forma voluntária e que sem eles seria muito difícil continuar com as atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.